

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU BOULIEU: DEFINIÇÕES E PRÁTICAS

Nathalia Rezende Santos¹

Pedro Luiz Carosi²

RESUMO: O presente artigo traz três seções basilares: 1) contexto histórico e fundamentação de espaços museais, versando sobre origens, mudanças, expansões e impactos desses ambientes; 2) atividade educativa em museus, apontando primeiramente diálogos sobre modelos educacionais e suas diferenciações, como a prática dos ensinamentos formal, informal e não-formal, suas práticas ao decorrer do tempo e foco no objeto de estudo selecionado, o Museu Boulieu em Ouro Preto; 3) análise documental de fichas avaliativas preenchidas por responsáveis, mediadores e alunos em experiências de visitação. Para sua realização, foi utilizado o acesso a fontes históricas em repositórios universitários, textos canônicos e documentos de organizações como o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Foi utilizada, também, a metodologia de observador-participante, permitindo a inclusão de experiências profissionais por parte de membros do setor educativo do Museu Boulieu. Por meio deste estudo busca-se compreender a essencialidade de setores educativos em ambientes museológicos a fim de ampliar o estudo de suas metodologias e aplicações.

RESUMEN: El presente artículo presenta tres secciones fundamentales: 1) contexto histórico y fundamentación de espacios museales, abordando orígenes, cambios, expansiones e impactos de estos ambientes; 2) actividad educativa en museos, señalando primero diálogos sobre modelos educativos y sus diferenciaciones, como la práctica de la educación formal, informal y no formal, sus prácticas a lo largo del tiempo y el enfoque en el objeto de estudio seleccionado, el Museo Boulieu en Ouro Preto; 3) análisis documental de fichas evaluativas completadas por responsables, mediadores y alumnos en experiencias de visita. Para su realización, se utilizó el acceso a fuentes históricas en repositorios universitarios, textos canónicos y documentos de organizaciones como el IPHAN (Instituto del Patrimonio Histórico y Artístico Nacional). También se utilizó la metodología de observador-participante, lo que permitió la inclusión de experiencias profesionales por parte de miembros del sector educativo del Museo Boulieu. A través de este estudio, se busca comprender la esencialidad de los sectores educativos en ambientes museológicos con el fin de ampliar el estudio de sus metodologías y aplicaciones.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em Museus; Museu Boulieu; Formação

¹ Graduada em história pela Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ, pós graduada em Neurociência aplicada à Educação pela UNA – BH. Atua há cerca de 8 anos em setores educativos de museus. Tendo sido os dois primeiros anos como mediadora/educadora e os demais como Coordenadora pedagógica. Atualmente está envolvida na coordenação pedagógica do Museu Boulieu e Museu de Mariana. É membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Congonhas – IHGC e do Conselho Municipal de Turismo da cidade de Congonhas.

² Nascido na Zona Leste da cidade de São Paulo em julho de 2003, graduando em História Bacharelado pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), com área de interesse em História Social, Patrimônio e Educação Patrimonial. Mediador no Museu Boulieu na cidade de Ouro Preto e candomblecista.

1. Introdução

Podemos datar a coleção e o acúmulo de objetos significativos desde a antiguidade, com relatos de edifícios na Grécia Antiga construídos especialmente para armazená-los. Posteriormente, durante o medievo, a acumulação de itens era indicador de poder e prestígio (Soto, 2014). Já nos processos exploratórios de colonização do século XV, surgem os *Gabinetes de Curiosidades*, compostos de diferentes peças, plantas e materiais naturais presentes nos territórios explorados. Tais conjuntos atestavam poder e domínio de colonizadores sobre seus colonizados, importando para a Europa a ideia objetivada de territórios subjugados e posse das Coroas que os exploravam.

Foi a partir deles - de suas catalogações, divulgações e organizações - que foram desenvolvidos os modelos que hoje conhecemos como museus. Os *Gabinetes de curiosidades* foram importantes catalisadores da necessidade de organização científica dos acervos, majoritariamente provindos de doações a cidades e instituições de ensino no século XVII.

(...) o primeiro museu tal como é entendido hoje, surge a partir da doação da coleção de John Tradescant, feita por Elias Ashmole, à Universidade de Oxford, quando então é criado o Ashmolean Museum (1683). (Soto, 2014, pp. 59)

Com o surgimento dos Estados nacionais na Europa, intensificado durante os anos mil e oitocentos, tornou-se necessário o desenvolvimento de uma herança, cooperando para a solidificação dos museus no continente. No entanto, parte dessa herança baseou-se no acúmulo de materiais oriundos das regiões exploradas durante a colonização, como aquelas expostas nos sítios e museus.

O que o museu moderno desenvolveu de forma particular, em articulação com o paradigma da conquista, foi o modelo de colonização, de dominação estrangeira. (Classen e Howes, 2006, pp. 209)

Posteriormente, o modelo contemporâneo de museus - naturais, históricos, artísticos e afins - foi intercambiado para demais localidades, continentes e países. Durante o século XX, grandes reformulações da compreensão patrimonial por parte organizações museológicas como o ICOM (Conselho Internacional de Museus) e o ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios) - que desenvolveram documentações, pesquisas, conferências e mesas redondas sobre a temática - impactaram a proposta educativa em museus.

O avanço da discussão trouxe luz para a indispensável participação do setor educativo em museus, requerendo um projeto pedagógico, museológico, histórico e comunicativo que

Patrocínio Master

Gestão

Realização

traz uma multidisciplinaridade imprescindível aos ambientes expositivos, educativos e de pesquisa. O setor educacional esteve presente nos museus desde sua origem, no entanto, sua participação se evidencia entre os séculos XIX e XX, com maiores esforços à sua organização e adaptando sua atuação conforme amplia-se o estudo patrimonial, sua essencialidade e conexão com a sociedade que o cerca. (Marandino [org.], 2016), (Soto, 2014).

Com o aumento de visitas escolares em espaços museais na Inglaterra, um paulatino e concomitante processo de estruturação de propostas educativas ocorreu, inicialmente, com a produção de *kits* que continham espécies de animais empalhados, rochas e materiais orgânicos, dispostos por museus para uso em escolas e instituições de ensino. Com isso, compreendemos que o setor educativo ultrapassa a barreira comumente observada das visitas mediadas e oficinas, sendo um importante agente de produção de conteúdo, materiais e pesquisas. Estes materiais apresentam suma importância, agindo como pontes entre o conhecimento a ser adquirido na visita e o universo lúdico e didático, auxiliando a compreensão de conceitos expostos e pesquisados pela instituição (Marandino [org.], 2016).

No Brasil, a correlação entre museus, História e ensino começou na época republicana com o Curso de Museus que, de acordo com o documento Guia do Visitante do Museu Histórico Nacional - primeiro museu histórico fundado no Brasil - de 1957, descreve-o:

Cooperando com o estímulo à pesquisa histórica e visando um resultado mais objetivo, qual o de preparar técnicos de museus, foi criado, em 1932, e reorganizado em 1944, o Curso de Museus, verdadeira escola superior com mandato universitário, responsável pelo preparo e aperfeiçoamento de todos aqueles que desejam trabalhar em repartições de fins idênticos aos do Museu Histórico (pp. 13)

As discussões sobre educação em museus no século XX são amplas e, por vezes, o termo pode vir acrescido de outros dizeres: “não formal”, “patrimonial” ou ainda “museal”. Dos vários debates que tiveram como intuito definir o que é a educação praticada em museus, o termo “educação em museus” tem uso constante a partir dos seminários que ocorreram nos anos de 1950 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Já “educação patrimonial” teve o uso propagado no Brasil a partir da década de 1980, de modo a trabalhar o patrimônio cultural dos espaços museais, monumentos e centros históricos e sítios arqueológicos (Brasil, 2018).

Por fim, o termo “Educação Museal”

(...) passa a ser utilizado como uma reivindicação tanto de uma modalidade educacional – que contempla um conjunto integrado de planejamento,

sistematização, realização, registro e avaliação dos programas, projetos e ações educativas museais – quanto de um campo científico. O termo vem sendo usado por vários autores para se referir ao conjunto de práticas e reflexões concernentes ao ato educativo e suas interfaces com o campo dos museus. (Brasil, 2018, pp. 73).

Este trabalho propõe o uso do Museu Boulieu como objeto de estudo sob escopo de educação patrimonial, a fim de entrelaçar estudos teóricos e científicos com aplicações práticas durante o funcionamento do mesmo, suas visitas mediadas e oficinas. O foco de análise serão as atividades realizadas de Janeiro a Maio de 2024 com escolas públicas entre o 3º e 5º ano do Ensino Fundamental, variando em uma faixa de 8 a 11 anos. A pesquisa não engloba, portanto, a vocação educacional do Museu Boulieu no ciberespaço.

Para o desenvolvimento do proposto trabalho, o uso da metodologia de análise quali-quantitativas tornou-se imprescindível, optando pela utilização de fontes que abordam temáticas presentes, como patrimônio, educação patrimonial, educação museal e educação não-formal. Dessa forma, foram acessados repositórios universitários e órgãos institucionais como o IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional), essenciais para a compreensão e abordagem do âmbito patrimonial. Para o entendimento do que é educação não-formal e educação museal, utilizou-se pesquisas em torno de produções de Martha Marandino. Tais fontes permitem um aparato teórico que complementa a experiência vivenciada nas práticas do setor educativo do Museu Boulieu.

A fim de buscar analisar indícios e resultados do trabalho aplicado, folhas de avaliação preenchidas por estudantes, educadores e mediadores foram de grande importância na construção do presente texto.

Cabe ressaltar que utilizamos o método de observador participante, sendo ambos os autores membros do Setor Educativo do referido museu. O processo de observação oportunizou o registro das atividades desenvolvidas e a metodologia aplicada para sua realização, bem como o comportamento dos participantes e demais elementos pertinentes para a compreensão da experiência educativa.

Para aplicação da metodologia de Observação Participante, considerou-se importantes ressalvas no processo:

(...) o que se faz necessário é sistematizar a metodologia da pesquisa, de forma que o pesquisador possa utilizar a sua prévia experiência no lócus de pesquisa não como um fator que vai comprometer a ‘neutralidade’, mas sim como um fator que o ajudará a apreender melhor o ambiente da pesquisa e seus sujeitos. (MARQUES, 2016, pp. 265)

Os dados averiguados no processo da observação participante foram realizados através da análise descritiva, onde verificou-se padrões, bem como aspectos específicos nos momentos de interação. Por fim, é necessário salientar que foram considerados comportamentos éticos para a realização da pesquisa, respeitando a confidencialidade dos dados.

2. A constituição do Museu Boulieu e seu setor educativo

O Museu Boulieu foi inaugurado em 2022, contendo parte da vasta coleção de Jacques Boulieu e Maria Helena Boulieu³. Seu acervo reúne peças majoritariamente barrocas, das mais diversas regiões do mundo e que tiveram contato com as culturas ibéricas a partir do processo de colonização, datado pós o advento das Grandes Navegações - final do século XV e início do XVI. Ao todo, são expostas cerca de 1200 peças, sendo a maior parte de arte sacra, contando também com pratarias originárias latinoamericanas e peças em cestaria e cerâmica de povos indígenas brasileiros.

Para concepção do museu, o Instituto Cultural Brasileiro do Divino Espírito Santo (ICBDES) foi criado em 2008, como personalidade jurídica responsável pelo Museu Boulieu. Posteriormente, a reformulação jurídica, a razão social e nome fantasia mudaram, tornando-se Instituto Boulieu. Em 2012, estabeleceu-se comodato que viabilizou a concessão do edifício onde o museu encontra-se estabelecido pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto (PMOP) ao ICBDES. Foi nesse mesmo ano, por meio da Lei Municipal nº 820, de 21 de dezembro de 2012, que o Museu Boulieu foi oficialmente criado (Longo, 2022).

Localizado no Centro Histórico de Ouro Preto, na Rua Padre Rolim, o edifício em que encontramos a exposição é anexo ao antigo Hospital Santa Casa de Ouro Preto - em localidade denominada Paço da Misericórdia. Construído em 1932, foi utilizado pelos vicentinos como o Asilo São Vicente de Paulo até o início dos anos 2000, quando o hospital foi transferido para o bairro da Bauxita no município. É sabido que o edifício ficou em desuso ao menos de 2005 até 2012, quando tornou-se sede do novo espaço cultural (Ferreira, 2018).

Surgido em meio ao contexto pandêmico da COVID-19, o museu iniciou suas atividades em abril de 2022, enfrentando várias adversidades dadas as medidas sanitárias

³ Casal franco-brasileiro que colecionou obras por cerca de cinquenta anos, culminando em um acervo de mais de duas mil peças, dispostas na expografia do Museu Boulieu e em sua reserva técnica.

impostas no período. Além disso, torna-se um grande desafio ganhar visibilidade em um meio tão culturalmente rico, com grande presença de espaços museais, como a cidade de Ouro Preto. Um dos diferenciais para a consolidação do Museu Boulieu são as atividades desempenhadas pelo setor educativo, que iniciou suas práticas concomitantemente à inauguração da exposição.

Nesse sentido, o presente trabalho trará estudo da fundamentação e formação de mediadores do Museu Boulieu - que se vinculam à instituição por meio de convênio de estágio com a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) - além das práticas educacionais voltadas para o patrimônio cultural realizadas na instituição e algumas de suas reverberações.

O Programa Educativo, conforme prevê seu Plano Museológico, deve atuar:

(...) de maneira estratégica na mediação entre diferentes segmentos de público, na construção coletiva do significado de bem cultural e nas ações comprometidas com a transformação social: “Não basta saber o que são os bens musealizados do museu, é preciso compreender seu contexto social junto a uma consciência crítica e abrangente da realidade que o cerca.” (Longo, 2022, pp.134)

Dessa maneira, o educativo visa a qualificação da experiência/contato do visitante com o museu por meio de diferentes recortes e abordagens, considerando o público atendido e a proposta político-pedagógica, orientando-se nas acepções de educação não formal, educação museal e educação patrimonial.

Conceituação e desenvolvimento da educação em museus: práticas do Museu Boulieu

A educação ofertada em museus se projeta como programa consciente que envolve inúmeros aspectos para o seu desenvolvimento, abarcando conteúdos e metodologias de *ensinoaprendizagem*, experimentação e estímulos, viabilização de sentimento de pertença e preservação patrimonial, além do processo de cocriação do saber, constituído a partir de múltiplos olhares e vivências (Brasil, 2018).

A Educação Museal é uma peça no complexo funcionamento da educação geral dos indivíduos na sociedade. Seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e a experiência da visita. (...) a Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la. (Brasil, 2018, pp. 74)

Patrocínio Master

Gestão

Realização

O modelo educacional realizado nos museus se dá por meio de uma estrutura diferente da que ocorre no ambiente escolar. A educação museal se fundamenta nos preceitos da educação não-formal que os diferencia “(...) das experiências formais de educação, como aquelas desenvolvidas na escola e das experiências informais, geralmente associadas ao âmbito da família.” (Marandino, 2009, p. 29-30). Outras questões são pertinentes para definição do âmbito não formal de ensino, como o fato de ser uma prática operada “(...) separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem” (Marandino [org], 2008, p. 13).

Concomitante ao apontamento de Marandino (2009), Maria da Glória Gohn (2007) argumenta que essas práticas de educação não-formal ocorrem, sobretudo, fora dos muros das escolas. Para a autora, esse modelo educacional objetiva formar cidadãos preparados para a solução de problemas rotineiros, bem como aptidão à organização coletiva e senso crítico.

Na percepção de Gohn (2007), a educação deve ser compreendida de forma mais ampla do que o processo de aprendizagem, associando-se ao conceito de cultura. O desenvolvimento formativo dos cidadãos é dado por meio da “(...) valorização de elementos culturais já existentes na comunidade, às vezes mesclados com novos elementos introduzidos pelos educadores, e pela experiência em ações coletivas, frequentemente organizadas segundo eixos temáticos: questões étnico-raciais, de gênero, geracionais etc” (Gohn, 2007, pp. 14).

A educação não formal se distingue por suas múltiplas dimensões que podem ocorrer em campos irrestritos de acordo com a atividade e propósito em que é praticada. Outra questão imprescindível para o entendimento da educação não formal é que esta se constitui por características mais difusas, menos hierárquicas e burocráticas em relação à educação formal. Destaca-se que os locais e duração das atividades de educação não formal se alteram, respeitando o ritmo dos participantes (Gohn, 2007).

Marandino (2009) expõe que a definição de museus quanto espaço de educação não formal não é uma conformidade. Alan Rogers (2004) é um dos autores que compreende os modelos educacionais formal, não-formal e informal em uma perspectiva diferente, como um *continuum*, e não como categorias impenetráveis.

Dessa forma, um museu, por exemplo, poderia ser nomeado como um espaço de educação não-formal (*sic*) quando o pensamos como instituição, com um projeto de alguma forma estruturado e com um determinado conteúdo programático. Mas, ao

pensarmos sob o olhar do público, poderíamos considerá-lo como educação formal, quando alunos o visitam com uma atividade totalmente estruturada por sua escola, buscando aprofundamento em um determinado conteúdo conceitual (...). E podemos, ainda sob o olhar do público, imaginá-lo como educação informal, ao pensarmos em um visitante que procura um museu para se divertir em um final de semana com seus amigos ou familiares. Entender as características dos diversos contextos educativos e refletir sobre aproximações e diferenças entre eles nos ajuda a aprimorar a nossa ação educativa em museus (Marandino, 2009, p. 32).

Ainda que haja diferentes interpretações acerca do processo educacional realizado nos museus, deve-se considerar a dinamicidade desse modelo de formação, suscitado na constante interação entre o indivíduo e o ambiente. Dessa forma, impera-se a necessidade de criar nos museus uma relação entre visitante e espaço, na qual se estabeleça um papel ativo e engajado do visitante nas atividades executadas no museu. Para tal finalidade, os setores educativos devem organizar um programa com determinação pedagógica concisa, em um diálogo – estruturado e tematizado - com as instituições parceiras. (Marandino, 2009).

Gohn (2007) assinala que a metodologia de *ensinoaprendizagem* promovida no âmbito da educação não formal compreende processos de ordem subjetiva, absorvendo o plano emocional, cognitivo, habilidades corporais, técnicas manuais, entre tantas outras, preparando os participantes para o desenvolvimento de um processo de *ensinoaprendizagem* de cocriação.

Imprescindível para a discussão acerca de processos educacionais realizados em museus está a educação patrimonial. As discussões sobre a educação patrimonial surgem no contexto brasileiro contemporaneamente à fundamentação do IPHAN, de modo a reconhecer que não basta apenas tomar patrimônios, é essencial sua salvaguarda, preservação e proteção. Por meio da educação e do acesso público aos patrimônios, torna-se palpável a percepção em larga escala da inestimável valorização que eles possuem, alimentando um senso natural de proteção da população brasileira quando reconhece suas heranças e produções artísticas, arquitetônicas, geográficas e culturais.

Podemos pensar a Educação Patrimonial como

um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 4)

Patrocínio Master

Gestão

Realização

A Educação Patrimonial demonstra grande participação no reconhecimento e apropriação de patrimônios pela sociedade, tornando-a grande protetora dos bens culturais produzidos. Por meio de seu processo metodológico, objetiva-se a produção de pensamentos críticos, reconhecimentos de pluralidade cultural e salvaguarda de patrimônios materiais e imateriais.

Um dos maiores objetivos da Educação Patrimonial é a produção de memórias, coletivas e individuais, exigindo que haja uma constante e metamórfica discussão e aprofundamento das temáticas pesquisadas, considerando a influência sociocultural na memória produzida, assim como a influência da memória na sociedade e na cultura.

Dentro dessas prerrogativas educacionais nos âmbitos não formal, museal e patrimonial, podemos compreender o setor educativo do Museu Bouliou e suas abordagens.

O Setor Educativo do Museu Bouliou conta com 10 mediadores em formação de suas graduações, em cursos como História, Museologia, Pedagogia, Serviço Social, Letras, Jornalismo, Turismo, entre outros. Para fundamentação teórica, o processo de estágio inicia com o treinamento que se baseia em três eixos temáticos: definição de espaços museológicos; compreensão da educação museal e suas metodologias e contexto histórico da expografia apresentada.

O processo de treinamento ocorre semanalmente e constitui-se por leituras e reflexões sobre os textos base e, simultaneamente, o desenvolvimento prático das metodologias dispostas nas fontes utilizadas. A partir do arcabouço teórico produzido, o(a) mediador(a) torna-se apto(a) a receber e mediar grupos visitantes, propor e executar oficinas e produzir pesquisas e debates nos ambientes que atua.

Para realizar o diálogo entre museu e visitante, além do processo de interação espontânea, o museu proporciona o contato por meio de visitas mediadas, que implicam em outro nível de sistematização do processo de *ensinoaprendizagem*.

Para realização das visitas mediadas foi necessário estabelecer parcerias. Assim como orienta o Plano Museológico (2022), o primeiro procedimento foi o mapeamento das instituições de ensino na cidade de Ouro Preto e suas adjacências. Posteriormente, foram contactados os diretores(as), coordenadores(as) e professores(as) das instituições para a promoção de ações conjuntas que trazem novos significados e propósitos para o ambiente expográfico.

Todas as atividades educacionais realizadas se orientam por meio de dois documentos: o Plano Pedagógico e o Plano Museológico. Em meio às diretrizes expostas neles, destaca-se: a formação de sujeitos responsáveis pela preservação e valorização dos patrimônios que os circundam; fomentação do conhecimento sobre as mudanças sociais e estéticas ocasionadas pelas grandes navegações; fortalecimento do vínculo dos alunos com o município; conhecimento das expressões artísticas para além do acervo barroco mineiro e viabilização do sentimento de pertença com a cidade de Ouro Preto (Santos, 2022).

Dentre as aplicações, o Museu Bouliou oferece um cardápio com 14 oficinas que variam em tempo, objetivo, prática e faixa etária, abordando incontáveis possibilidades de atividades e experiências com quaisquer grupos que visitem o espaço. Nesse sentido, os parceiros inicialmente expõem as demandas do grupo - como o tempo disponível para visita e assuntos de interesse do grupo, pensando no diálogo entre temas tratados em sala de aula e no museu - bem como sua constituição - idade do grupo visitante e grau de escolaridade com especificações de faixa etária em casos de turmas de ensino básico. Por parte do museu, é sugerida a atividade que melhor se relaciona ao grupo, pensando nas diferentes abordagens que podem ser tomadas por parte do(a) mediador(a), a depender das solicitações e especificações supracitadas (Marandino[org], 2008).

A preparação para a visita deve ser ministrada pelos(as) educadores(as) das escolas ou demais instituições parceiras, motivando o educando à visita e trabalhando informações e conhecimentos que sejam pertinentes ao contexto museológico, a fim de viabilizar a interpretação e compreensão do espaço. Deve-se, também, trabalhar questões técnicas como a definição de museu, o porquê da existência desses espaços e quais os acervos que podem ser vistos. Dessa forma, na atividade de preparação, os educandos investigarão o tema da visita.

A partir de questionamentos dirigidos, deverão coletar o maior número de dados possível sobre o assunto escolhido. O objetivo da proposta é despertar sua curiosidade e interesse sobre o assunto da visita, motivando-os a se engajarem em uma investigação cuja resposta só se completará no próprio museu. (Marandino (Org), 2008, p. 25)

Somente depois do preparo é realizada a visita. As propostas de atividades educativas no museu se dão, sobretudo, através dos métodos de discussão dirigida e da visita descoberta.

Na discussão dirigida, a mediação se faz por meio de questionamentos, de forma a proporcionar o entendimento de aspectos comunicacionais pertinentes àquela

exposição. Para elaborar esses questionamentos e fomentar o debate, o educador estrutura um roteiro lógico, cujos objetivos educacionais foram previamente definidos e que deve ser adaptado para cada grupo recebido. O nível de interação é bastante alto nesse tipo de mediação, visto que, para bom aproveitamento, pressupõe-se intensa participação do público. Na visita-descoberta, atividades ou jogos são propostos dentro do espaço expositivo. Ela possibilita a descoberta de novos elementos e olhares para um determinado conteúdo exposto. É o tipo de visita mais interativa, pois depende quase que exclusivamente do visitante para ser realizada. (Marandino [Org], 2008, p. 23)

Buscando maior aproveitamento do espaço e pensando em focos e reflexões - antes, durante e depois da visita - necessárias e sugeridas pela pesquisa teórica da educação não-formal, Martha Marandino (2008) chama atenção para o que denomina *reflexão-na-ação*, tratando de imprevisibilidades encontradas durante um processo de mediação.

Nesse caso, estamos falando de um processo que implica em uma reflexão-na-ação. No cotidiano das ações educativas no museu, são incontáveis os momentos em que deparamo-nos com situações de imprevisto, que podemos aqui chamar de problemas. O que fazer? Uma das opções é ignorá-las, para que possamos manter o padrão de conhecimento que sempre executamos. Segunda opção: refletir sobre a situação durante sua execução e procurar uma maneira de solucionar o conflito, reelaborando sua maneira de agir. (Marandino [org.], 2008, pp. 29)

Quando é agendada uma visita no Museu Bouliou, observa-se que o(a) mediador(a) atenta-se para reflexões pré, durante e pós o encontro, considerando seu arcabouço teórico, amparado pelos textos lidos, analisados e discutidos durante o treinamento, tendo a consciência da imprevisibilidade estudada por Martha Marandino.

Como preparo prévio, nos momentos de treinamento há simulações de mediações e oficinas que ocorrem de forma rotineira no museu, o que viabiliza a proposição de um roteiro, mesmo que básico, para maior ciência do conteúdo disponibilizado pela exposição. Além disso, a verificação de materiais - essenciais ou complementares - também é de responsabilidade do educador, ao confirmar se há o necessário para a realização de atividades além-mediação, como as oficinas ofertadas. Por fim, ainda antes do encontro, cabe uma análise do grupo visitante, considerando questões essenciais, como idade, escolaridade, fatores sociais, tempo disponível e objetivos da visita, este último podendo variar de acordo com a oficina realizada, conseqüentemente alterando o rumo tomado nas discussões referentes às peças expostas. As informações que permitem a análise prévia do grupo a ser atendido estão dispostas em uma planilha do Excel que é de acesso comum à equipe de mediadores.

Durante o encontro, a essencial maleabilidade é exigida de quem realiza a mediação, com a consciência latente de que, apesar do roteiro prévio e indispensável, ele não será o

norte definitivo da mediação. Alterações acontecem e devem ocorrer para melhor suprir as demandas do grupo. A partir do momento em que se tem contato com a turma, o mediador atenta-se às áreas de interesse e desinteresse da mesma, discussões que fluem ou não, curiosidades e contextos que serão proveitosos ou desinteressantes, etc. Cabe ressaltar que esse momento de sondagem do público atendido é essencial, tendo em vista que nem sempre a turma recebe a preparação necessária por parte dos professores, como previsto por meio das orientações repassadas pelo e-mail no momento de agendamento.

Outro ponto crucial para uma boa experiência é o não engessamento da fala do educador. No entanto, há a possibilidade de uma visita-palestra ser o melhor encaixe para a mediação de um grupo; neste modelo, a pessoa encarregada pelo diálogo entre a turma e a exposição assume maior protagonismo, exigindo pouca interação, de forma que o roteiro proposto pode ser seguido com maior rigor sem prejudicar a fruição (Marandino, 2008).

Por fim, durante a reflexão pós encontro, o mediador revisita a experiência, analisando possibilidades de espaço para melhoria em suas colocações, falas, ações e interações, aumentando sua bagagem experimental, de modo que caso outro grupo solicite exigências semelhantes, o mediador terá maior segurança e experiência para conciliá-las e supri-las.

A utilização das fichas avaliativas preenchidas pelos mediadores, alunos e professores após suas visitas e oficinas fornecem dados para uma possível análise referente às experiências de fruição do Museu Boulieu. Os alunos são convidados a preenchê-las, podendo optar ou não pela atividade; para o estudo, foram analisadas as fichas preenchidas entre o período de Maio de 2023 a Maio de 2024.

Avaliações e resultados das práticas educacionais do Museu Boulieu

Ao todo foram analisadas 132 fichas avaliativas, sendo 22 de responsáveis, representando aproximadamente 16,6% das fichas; 34 de mediadores e mediadoras, representando aproximadamente 25,8% e 76 de alunos e alunas, representando aproximadamente 57,6%.

Dentre a análise das 22 fichas de responsáveis, as respostas foram em sua grande maioria satisfatórias, com constantes elogios ao contato com mediadores e mediadoras. Entre as principais motivações para a visita ao Museu, estão o acesso à cultura, a promoção de experiências e aprendizados às crianças, a viabilização do sentimento de pertença aos

Patrocínio Master

Gestão

Realização

patrimônios presentes na cidade e o diálogo da exposição com tópicos estudados em sala de aula. As críticas encontradas nas perguntas abordam temáticas como a atenção ao tamanho da turma, considerando o espaço limitado do museu; à linguagem utilizada com as crianças, procurando sempre um diálogo lúdico e didático e sugestão de formulação de materiais impressos para auxílio da compreensão do grupo.

Com as 34 fichas preenchidas por mediadores⁴, podemos notar um grande aproveitamento dos encontros, com comentários frequentes referentes ao sucesso na produção das oficinas. No entanto, há uma constância de queixas que expõem sobre o despreparo das crianças (que possivelmente não tiveram a essencial prática, ofertada pelo responsável, sobre o museu, seu conteúdo e suas fundamentações); desânimo; baixa interação por parte do grupo e o grande número de crianças, tornando difícil a atuação do mediador, especialmente nas oficinas. Foram queixadas dificuldades manuais para a produção de algumas oficinas e problemas referentes ao tempo para realização das atividades. Apesar do museu apresentar uma estimativa do tempo necessário para as atividades, incluindo mediações e/ou oficinas, muitas turmas não possuem um intervalo suficiente para sua realização plena e proveitosa, por vezes associados aos atrasos do transporte público, culminando em menor aproveitamento da visita.

Em suas 76 fichas, as crianças demonstram grande índice de satisfação consigo mesmas e com a atividade, com 85% das respostas sendo satisfatórias. O mesmo acontece quando perguntadas sobre o resultado esperado e o resultado que obtiveram durante a visita, incluindo mediação e oficina. Dentre o pouco índice de insatisfação, surgem relatos de incômodo com o próprio grupo e, novamente, um desgosto pelo tempo disponível. 96% das crianças alegaram que voltariam ao museu, os principais motivos apontados foram as oficinas interativas, a boa recepção e contato que tiveram com os mediadores. Apesar disso, 23% das crianças apresentaram dúvidas, principalmente referente às etapas das oficinas realizadas, indicando uma necessidade maior da equipe de mediadores em ampliar a didática ao explicar tais processos, ou a verificação das indicações de faixa etária na escolha das atividades, tanto por parte de responsáveis, quanto do museu.

⁴ Algumas visitas são realizadas com mais de um mediador, resultando em um número diferente de fichas preenchidas por eles e responsáveis.

Destarte, as provocações e reflexões propostas pelo Museu Boulieu não se limitam ao saber artístico, mas permite aos seus visitantes a fruição por uma história de um tempo mais longínquo: o momento do contato dos europeus nas Américas e na Ásia.

3. Considerações finais

Os crescentes estudos patrimoniais trazem luz aos setores educativos em museus e sua indispensável participação, ampliando o debate constantemente. Dessa forma, torna-se prioritário o constante aprimoramento de abordagens educativas nesses espaços e uma concomitante atenção aos pareceres produzidos por educandos, clareando elogios e acertos, enquanto contempla críticas e desajustes. Por meio de identificação, reconhecimento, análise e ação, correções devem ser aplicadas para que melhorias sejam concretizadas.

Podemos concluir que o setor educativo do Museu Boulieu opera em consonância com as metodologias educacionais propostas para ambientes museais realizando atividades que propiciem uma educação patrimonial que viabiliza o sentimento de pertença das turmas com a cidade, sendo esse um dos principais motivos para as instituições recorrerem às dinâmicas educativas ofertadas pelo espaço. Embora o desempenho do espaço venha sendo apresentado de forma satisfatória, nota-se a necessidade de ajustar a linguagem dos mediadores e mediadoras, bem como a atenção à classificação indicativa de faixa etária para as atividades realizadas.

Referências

- BRASIL. **Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos**. Brasília: IPHAN, 2014;
- CLASSEN, Constance; HOWES, David. **The Museum as Sensescape: Western Sensibilities and Indigenous Artifacts**. *Sensible Objects*, Londres, n. 1, Routledge, p. 199-222, 2020;
- COSTA, Evanise Pascoa (Org). **Princípios básicos da museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, 2006;
- ELAZARI, Judith Mader. **Recursos pedagógicos de museus: "kits" de objetos arqueológicos e etnográficos**. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 10, p. 351–358, 2000;
- FERREIRA, Clara Assunção. **Capela de Santana do Paço da Misericórdia em Ouro Preto: restauração e história**. *Revista Imagem Brasileira*, Minas Gerais, n. 09, p. 175-176, 2018.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*. Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006;

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz.

Guia básico de educação patrimonial. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999;

LONGO, V. V. **Plano Museológico 2022 - 2026.** São Paulo: Instituto Pedra, 2022.

MARANDINO, Martha; MONACO, Luciana; LOURENÇO, Marcia F.; RODRIGUES, Juliana; RICCI, Fernanda Pardini. **A Educação em Museus e os Materiais Educativos.** São Paulo: FEUSP, 2016;

MARANDINO, Martha (org.). **Educação em museus: a mediação em foco.** Geenf · Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Não-formal e Divulgação em Ciência/FEUSP. São Paulo: FEUSP, 2008;

MARQUES, Janote Pires. **A “observação participante” na pesquisa de campo em Educação.** Educação em Foco 19 (UEMG), Belo Horizonte, v.03, n.28, p. 263-284, Mai./Ago., 2016;

MARTINS, Luciana Conrado. **A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia.** Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Acesso em: 31 de jul. de 2024;

MONACO, Luciana M.. **O setor educativo de um museu de ciências: um diálogo com as comunidades de prática.** 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Acesso em: 31 de jul. de 2024;

MÓNICO, Lisete; ALFERES, Valentim; CASTRO, Paulo; PARREIRA, Pedro. **A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa.** Atas CIAIQ (Congresso Íbero-Americano em Investigação Qualitativa), Salamanca, p. 724-733, Julho de 2017;

SOTO, Moana Campos. **Dos gabinetes de curiosidade aos museus comunitários: a construção de uma concepção museal à serviço da transformação social.** Cadernos de Sociomuseologia (ReCiL - Repositório Científico Lusófona), Lisboa, v.48, n. 4, pp. 57-83, Julho de 2014;

SANTOS, Nathália Rezende, GONÇALVES, Matheus Henrique Velozo; **Ações do setor educativo do museu de Congonhas na educação patrimonial: experiências pedagógicas não formais.** São João Del Rei: Museu Regional de São João Del Rei. 2020.

Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos. Brasília: IPHAN, 2014.